

Testimonio: História Oral de Mulher a Mulher

ROSEANNA MARIA MUELLER*

[Tradução: Eva P. Bueno]

Resumo: O texto discute o gênero chamado “testimonio” e como se tornou um componente importante do estudo da América Latina nas escolas americanas. A ênfase cai em três livros – *Me llamo Rigoberta Menchu' y asi' me nacio' la conciencia*, *Reyita* e *Si me permiten hablar...* — e a discussão aponta as diferentes experiências que cada uma delas ilustra.

Palavras-chave: testimonio; Rigoberta Menchu; Guatemala; Reyita; Cuba; Domitila Barrios de Chungara; Bolívia; Direitos Humanos.



* **ROSEANNA MARIA MUELLER** é professora associada de línguas estrangeiras e humanidades no Departamento de Humanidades, História e Ciências Sociais, e Diretora da Carreira Menor de Estudos de Gênero.

O testemunho (*testimonio*) é um gênero literário que tem atraído muita atenção nos círculos acadêmicos nos anos recentes. Como Elizabeth Dore explica de forma sucinta em sua introdução ao livro *Reyita*, o gênero provoca um debate “sobre problemas de autenticidade, sobre a verdade, e sobre quem está representando quem e para quais propósitos” (CASTILLO BUENO, 2000, p.12). O pós-modernismo trouxe consigo uma nova maneira de interpretar o testemunho, na qual o “autor/editor é um intermediário poderoso que se encontra entre o contador de história marginalizado, e o leitor da elite, e conseqüentemente (o autor/editor) é a pessoa que controla o texto” (DORE, 2000, p.13). Os *testimonios* então se tornaram um gênero que dá voz ao que era antes marginalizado por causa da sua classe, gênero ou raça, e os leitores cuidadosos devem estar conscientes sobre como os testemunhos são construídos, intermediados, e distribuídos. Enquanto alguns testemunhos são positivamente pedantes, moralistas ou tendenciosos, os três testemunhos que analisaremos a seguir são exemplos excelentes e dramáticos do gênero, e nos quais três mulheres privilegiadas documentam a vida de três mulheres “comuns” que estão lutando contra problemas relacionados com raça, classe e gênero, assim como também contra circunstâncias econômicas, patriarcais, e machistas de suas vidas.

Como a maioria dos leitores — geralmente estudantes — encontram estes textos em uma aula de literatura, é importante lembrarmos que o *testimonio* é um gênero complexo que, para alguns críticos, continua a escapar de definições. O gênero é uma mistura de biografia, história oral, alegoria, e o coro de vozes coletivas. Os críticos literários dizem que o que se vê como a

“verdade” do narrador é algo real e verdadeiro para aquela pessoa, e assim reconhecem o potencial para a verdade poética e simbólica.

As seguintes três histórias de vida de mulheres latino-americanas subalternas foram contadas a mulheres que reconheceram o valor das lições de suas vidas, e que estavam em posição de gravar e distribuir o que as subalternas contaram, e assim tornar pública a história de suas vidas. Cada uma é um exemplo de como as histórias orais redefinem as convenções literárias. Cada uma à sua maneira, cada uma destas mulheres desafia o *status quo* na Guatemala, Cuba e Bolívia, respectivamente. O *testimonio* assim se constitui em uma poderosa forma de resistência na América Latina.



Rigoberta Menchú

“Meu nome é Rigoberta Menchú. Tenho vinte e três anos de idade. Este é meu testemunho” (MENCHÚ, 1984, p.1). Estas são as palavras de abertura do mais famoso *testimonio*, e também o mais influente e mais controverso dos três que analisaremos aqui. Sem dúvida, *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*, traduzido em inglês como *Rigoberta Menchú, an Indian Woman of Guatemala*, é a narrativa comovente contada por uma jovem índia Quiché; esta história

chamou a atenção do mundo às atrocidades cometidas durante a sangrenta guerra civil na Guatemala. Eventualmente, por causa do livro a autora ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1992. Este prêmio foi duplamente significativo dada a controvérsia dos quinhentos anos celebrando a “descoberta” do Novo Mundo por Cristóvão Colombo, que culminou no ano de 1992.

A natureza deste *testimonio* é evidente nas linhas seguintes à abertura, “Eu gostaria de expressar que (o que direi aqui) não é somente minha vida, mas também o testemunho de meu povo... Minha história é a história de todos os guatemaltecos pobres” (Id.). Por um período de uma semana, Elizabeth Burgos-Debray, uma antropóloga venezuelana, gravou a história de Rigoberta em Paris, no ano de 1982. O resultado foi um *testimônio* mediado, a narração ao mesmo tempo doce e amarga das vidas, valores e crenças dos Quichés. Este *testimonio* expôs as condições de trabalho dos guatemaltecos pobres que trabalhavam no campo e na cidade, e a sua agricultura de subsistência em pequenos terrenos quando a família não estava na região costeira trabalhando arduamente nas fazendas. Rigoberta contou a Burgos-Debray sobre as crenças e costumes de sua família, as injustiças e sofrimentos que seu povo sofria, e como eventualmente ela adquiriu consciência desta situação quando se filiou ao Comitê de Unidade Camponesa.

A narrativa não tem transições suaves: em um capítulo Menchú fala sobre a feitura de tortilhas, em outro capítulo aprendemos como as mulheres maias se preparam para o parto, enquanto que outros capítulos documentam suas respostas aos ideais socialistas e ao uso

da bíblia como uma arma revolucionária.

Depois dos terríveis eventos que ela e sua família sofreram, Menchú se transformou numa ativista social. Havia esperanças que depois da publicação do livro, e de Menchú ganhar o prêmio Nobel, os eventos em Guatemala seriam trazidos à luz e as negociações entre as facções em conflito na Guatemala continuariam, e assim aumentariam a consciência política e social através do mundo.

O *testimonio* de Menchú mais tarde foi envolvido em controvérsias devido aos motivos atribuídos a Burgos-Debray, que é casada com Regis Debray, comunista e simpatizante de Castro. Em 1990, o livro de David Stoll, *The Story of All Poor Guatemalans (A História de Todos os Pobres Guatemaltecos)* questionou a veracidade do livro. Stoll desafiou algumas das coisas que Menchú diz em seu livro, e disse que algumas delas são “falsidade, invenção, ficção, que levam a caminhos errados e não são verdade”. Ele diz que uma jovem não poderia ter estado presente nas mortes de seus pais nem testemunhado sua tortura, e que ela não estava presente quando seu irmão morreu de má nutrição. Apesar destas alegações, a história contada por Menchú foi considerada válida e valiosa. O livro se tornou um *best seller*. Mesmo se todos os eventos no *testimônio* não ocorreram, ou mesmo se estes eventos não necessariamente ocorreram na vida da família de Menchú, é provável que atrocidades similares ocorreram a outros. A narradora, os críticos apontaram, falou em uma voz coletiva característica da sua cultura maia. E, ainda mais importante, o livro ajudou a abrir os olhos do mundo às injustiças em

Guatemala e expôs a condição das comunidades indígenas.

O *testimonio* de Menchú foi um sucesso, porque ele chamou a atenção para a injustiça política, o ataque aos direitos dos indígenas, e a possível erosão das tradições étnicas em Guatemala. Enquanto ela revela alguma coisa sobre a sua experiência de vida, ela se silencia um pouco no final, guardando alguns segredos para proteger seu povo e sua cultura, dizendo, “Entretando, eu estou guardando a minha identidade indígena em segredo. Eu estou guardando um segredo que eu acho que ninguém deve saber. Nem mesmo antropólogos ou intelectuais, não importando quantos livros eles possam, nem eles podem descobrir todos os nossos segredos” (Id., p.247).

Reyita

Maria De los Reyes Castillo Bueno (1902-1997) viveu em Cuba toda a sua vida. Nascida no “Dia dos Reis”, em 6 de janeiro, a sua história é uma narrativa biográfica escrita amorosamente por sua filha Daisy Rubiera Castillo, e publicada em Cuba pela primeira vez em 1996. Daisy Rubiera é a fundadora do Centro Cultural Africano Fernando Ortiz em Santiago.

A vida de Reyita expõe assuntos de discriminação de raça e cor, assim como do casamento na Cuba machista. Reyita era a mais escura de quatro filhas, e a discriminação que ela sofria da própria mãe a levou a casar-se com um homem

branco. Como ela mesma não estava livre de cometer discriminação racial, ela se casou com um homem branco por duas razões. A primeira era “melhorar a raça,” isto é, clarear a pele de seus filhos para que eles não tivessem que sofrer as discriminações raciais que ela suportou toda sua vida. Em segundo lugar, ela achava que os homens negros eram um beco sem saída, e que não havia futuro para ela se se casasse com um deles (CASTILLO BUENO, 2000, p.166). A ironia é que, depois de estar casada por cinquenta anos, ela descobre que seu casamento nunca tinha sido formalmente registrado. Embora Reyita



Maria de los Reyes Castillo Bueno (1902- 1997)

reconhecesse seu marido como o cabeça da família e o ganha pão, ela sabia que ela precisava ser economicamente independente, e então trabalhou toda sua vida lavando roupas, vendendo comida, começando um negócio de comida pronta, e trabalhando como curandeira e como herbalista, uma pessoa com a qual a comunidade podia contar nos momentos

difíceis. Ela tomou conta de seus próprios oito filhos, assim como dos filhos de prostitutas. Através de seu trabalho, e graças ao sistema de financiamento, esta mulher cheia de coragem conseguiu financiar os casamentos de suas filhas, e fazer dinheiro para trazer eletricidade à casa da família. Ela comprou um rádio, que ela diz que mudou sua vida, e também um refrigerador e uma televisão, que juntos fizeram parte do seu “despertar” (Id., p.84).

A história de Reyita começa com a captura de sua avó Tatica na África, e descreve como ela foi posta a trabalhar cortando cana. Ela observa secamente que, enquanto que os donos das fazendas cometiam muitas discriminações contra os escravos negros, isto não os impedia de violentar as mulheres. Contra os desejos de seu marido, Reyita se juntou ao movimento Marcus Garvey depois de sua visita a Cuba em 1921. Garvey era um líder jamaicano e fundador da *Associação Unidos para o Desenvolvimento Negro*. Suas esperanças foram destruídas quando o movimento acabou, mas ela continuou a ler os trabalhos de José Martí, a história de Cuba, e ela gostava de ler poesia e literatura.

O livro conclui com a matriarca orgulhosa de seus cento e dezoito descendentes, todos com diferentes cores de pele, e empregados em várias profissões. Nenhum dos membros de sua grande família deixou Cuba e nenhum deles, ela diz, tem preconceito racial. Vemos então uma mulher negra forte, que luta para melhorar a vida de seus filhos, e que conta a história de sua família como uma pessoa “comum” que tocou muitas vidas. O leitor vê Cuba de um ponto de vista feminino e menos político ou acadêmico, quando Reyita passa pelas políticas raciais da ditadura de Batista, da revolução de 1959, na qual seu filho foi morto, e dos desafios depois da revolução.

A história cronológica dos dois primeiros capítulos abre caminho para as reminiscências pessoais de Reyita nos capítulos seguintes, que mostram as condições da vida diária em Cuba, enquanto ao mesmo tempo filtrando importantes eventos históricos e sociais através de seu ponto de vista. As vidas das mulheres comuns é frequentemente esquecida e não valorizada, mas a

história de Reyita lembra ao leitor que as narrativas íntimas, que vêm do coração, servem para mostrar a vida das pessoas comuns que mantêm a sociedade cubana unida. Ler a sua história é como sentar-se com uma avó para ouvir a sua história, a história de uma mulher de bom coração que está disposta a compartilhar suas receitas, suas poções de amor, seus conselhos sobre métodos anticoncepcionais, assim como suas histórias engraçadas. A história de Reyita é a narração alegre da vida da comunidade e da família, assim como o retrato de garra e determinação.

Domitila Barrios de Chungara

O *testimonio* de Barros de Chungara foi primeiro publicado em Espanhol como *Si me permiten hablar: testimonio de una mujer en las minas de Bolivia* (*Se me permitem falar: o testemunho de uma mulher nas minas da Bolívia*). O título da narrativa de Barros de Chungara descreve muito bem o propósito do *testimônio* como um gênero que dá voz aos que não a têm. A terceira sentença no livro de Barrios de Chungara ecoa o que Menchú diz, “O que aconteceu comigo poderia ter acontecido a centenas de pessoas em meu país” (BARRIOS DE CHUNGARA, 1978, p.15). Barrios de Chugara contou sua história à jornalista brasileira Moema Viezzer em 1978. Ela conta a história da exploração dos mineiros pelos donos das minas, e depois conta sobre a ação política liderada pelas donas de casa.

Nascida em 1937, Domitila é filha de índios e esposa de um mineiro. Ela nasceu em uma comunidade mineira, e esta era a única vida que ela conhecia. Na sua narrativa, ela conta a história de sofrimentos e abusos que sofreu durante sua vida. Ela perdeu quatro dos seus sete filhos. Ela participou de uma greve de fome destinada a atrair apoio e a

ajudar a terminar a ditadura de Hugo Bánzer. O livro é uma litania de pobreza, infortúnios, e um ciclo de sofrimento que começa com o tratamento que ela recebeu primeiro do próprio pai, depois da madrasta, dos professores, e sua tortura quando ela foi encarcerada por ser uma ativista. No cárcere ela deu à luz um filho natimorto.

A história de Domitila expõe as difíceis condições de trabalho dos mineiros, a falta de segurança nas minas, e a insistência do dono da mina em colocar o lucro acima da segurança. O foco da narradora é na vida das esposas e companheiras dos trabalhadores, e em sua insitência que as mulheres trabalham tão arduamente como seus homens em suas casas, e em condições deploráveis. A liberação das mulheres e sua participação na luta são necessárias para que uma mudança possa acontecer. Em “Ao leitor” Viezzer descreve como conseguiu as inúmeras entrevistas com Domitila, gravou o material, e escreveu toda a correspondência, para formar um livro de três partes. A primeira parte descreve as condições de vida e trabalho dos mineiros bolivianos e o início de um movimento organizado dos trabalhadores. Na segunda parte aprendemos sobre a dura existência da narradora, a sua pobreza, o abuso físico e mental que sofre, e a sua determinação de vencer tudo isto para ajudar seu povo. A terceira parte descreve a luta



Domitila Barrios de Chungara

que culmina com as greves de junho e julho de 1976.

Depois que ela se tornou a líder do *Comitê de Esposas das Minas Século XX*, ela foi convidada a participar do *Tribunal Internacional das Mulheres na Cidade do México* em 1975, onde ela falou eloquentemente e esclareceu a sua audiência sobre a sua vida e lutas na mina *Século XX*. O discurso de Barrios de Chungara mostrou como a educação e a ação política das mulheres podem

mudar as condições. A narrativa tem muito da retórica marxista, mas Domitila recusa-se a aceitar que Deus não existe. Como uma fazedora de campanhas, e uma representante efetiva pelos direitos de seu povo, ela deu voz aos sem poder, aos que não têm voz, aos trabalhadores mineiros, aos camponeses, e às mulheres, acima de tudo as desafiando a se tornarem conscientes de seu estado, e em melhorá-lo.

Domitila espera que a audiência de seu livro seja composta de trabalhadores. Ela espera que possa dar um exemplo de como sair de sua situação de terrível pobreza e opressão ao aprenderem com a sua vida e seu exemplo. Quando propuseram o seu nome para o Prêmio Nobel da Paz em 2005, ela simplesmente disse, “Eu quero deixar para as gerações futuras a única herança válida: um país livre e justiça social.”

Referências

BARRIOS DE CHUNGARA, Domitila. *Let me Speak: The Testimony of Domitila, a Woman of the Bolivian Mines*. with Moema Viezzer. trans. Victoria Ortiz. New York and London: Monthly Review Press, 1978.

CASTILLO BUENO, María de los Reyes. *Reyita, The Life of a Black Cuban Woman in the Twentieth Century: María de los Reyes Castillo Bueno, as told to her daughter Daisy Rubiera Castillo*, intro by Elizabeth Dore, trans. Anne McLean. Durham: Duke U Press, 2000.

CRAFT, Linda J. "Rigoberta Menchú, the Academy, and the U.S. Mainstream Press: The Controversy Surrounding Guatemala's 1992 Nobel Peace Laureate." *The Journal of the*

Midwest Modern Language Association. Fall 2000, v. 33. 40-59.

DORE, Elizabeth. "Introduction." In Castillo Bueno, María de los Reyes. *Reyita, The Life of a Black Cuban Woman in the Twentieth Century: María de los Reyes Castillo Bueno, as told to her daughter Daisy Rubiera Castillo*. "Introduction" by Elizabeth Dore. Trans. Anne McLean. Durham: Duke U Press, 2000.

MENCHÚ, RIGOBERTA. *I, Rigoberta Menchú: An Indian Woman in Guatemala*. London and New York: Verso, 1984.

STOLL, David. *Rigoberta Menchú and the Story of All Poor Guatemalans*. Boulder: Westview Press, 1998.